

CAPÍTULO II

A caminho da escola, todas as manhãs, lembro de passar em frente a uma farmácia onde trabalhava uma moça ruiva com muitas sardas no rosto formoso e nos braços roliços. Não é sempre que se vê ruivos genuínos e por isso mesmo eu fazia questão de voltar o rosto e olhar para aquele ser tão belo e exótico, a despeito dessa atitude não ser muito razoável.

- Meus parabéns, você conseguiu dessa vez, hein, Lucius? - a professora de história, sorridente, entregou-lhe o caderno com um grande visto.

- Sou um novo homem, professora Marli - ele brincou, voltando ao seu lugar, provocando o riso nos colegas. Alexander passou por ele para ir até a mesa da professora e os dois trocaram um sorriso que o fez corar.

Agora estava no recreio com suas amigas de sempre e Alexander. Os outros rapazes transferidos gostavam de futebol e agora também faziam parte do time da escola e frequentemente eram vistos usando o mesmo uniforme que ficava tão bem no arrogante George.

- Foi elogiado hoje... - cantarolou Ana - então decidiu levar os estudos a sério?

- Pois é, né? Acho que sim - ele fez um gesto de cansaço - Parece que não há outra saída se eu não quiser repetir o ano.

- É assim que se fala - Beatrice deu-lhe um tapinha no ombro, como de costume - Que bom que tomou vergonha na cara.

- Também estou feliz por você, Lucius - falou Alexander - Você é muito inteligente, só que tem que se dedicar mais.

- Na sexta série era o melhor da escola inteira. Todos os professores falavam.

O rapaz sorriu e coçou a nuca, envergonhado. Procurou desviar o rosto do olhar do louro porque tinha certeza de que estava vermelho.

- Eu... Vou para a biblioteca - disse - Talvez consiga adiantar alguma coisa do roteiro.

E se afastou de pernas bambas e estômago embrulhado. Sentia os olhares das amigas pregados em suas costas. Por mais que se iludisse pensando ser capaz de ocultar seus novos sentimentos, elas mais tarde descobririam e aí seria aquele inferno, mesmo ele tendo dito milhares de vezes que falar sobre tais assuntos ainda era desconfortável.

Sentou-se junto à janela, apanhou um livro qualquer e começou a ler apenas para se distrair daquela sensação nauseante. Mas Alexander e os sentimentos recém descobertos tomaram seus pensamentos. Sentia que estavam se tornando amigos. Por isso, havia a necessidade de proteger o único meio de estar perto do novato.

"Estou feliz por ele ter aparecido" suspirou, com um meio sorriso bobo "É mais do que eu poderia querer o fato de estarmos ficando amigos. É mais do que sequer sonhei. "

Lançou um olhar à janela. Lá estava ele, agora numa rodinha de garotos. Lucius apoiou o queixo na mão e se perdeu em observa-lo. Como era lindo... De uma beleza elegante e delicada, bem diferente do tipo másculo e agressivo de George. Podia quase ouvir dali sua voz aveludada às vezes risonha, sentia na memória seu perfume quente. Se pudesse abraçá-lo um dia, morreria feliz. Viu um dos garotos enlaça-lo pelos ombros e arrepiar seus cabelos numa brincadeira ruidosa e um tanto violenta. Sentiu inveja, queria poder ficar perto daquele jeito também.

"Não sou como os outros." suspirou "Os caras me respeitam porque fico na minha e por causa da Ana."

"Se eu tivesse a sua aparência não perdia tempo" brincara um dos colegas, dias atrás. " Sai com a gente no fim de semana, cara. Vai ser um imã para as minas."

"Minha namorada é a minha arte, amigos." ele respondera, com ar pomposo, levando a mão ao peito "E sou um homem fiel. Além do mais, tenho um compromisso, ou já esqueceram?"

"Olha aí, se gabando só porque tem namorada..."

Um dos garotos lhe dera um tapinha no ombro, enquanto todos riam.

"Você é uma figura, Lucius."

Ele piscou nervosamente, sentindo os olhos cheios de lágrimas. Alexander, lá fora, tranquilamente conversando com os colegas, provavelmente sequer imaginava os sentimentos bizarros que despertara. Depois que o vira nu, por mais que se esforçasse, Lucius não conseguia evitar os deslizos de sua mente, que insistia em se lembrar, ainda que tivesse desviado os olhos do corpo do louro e não visto muita coisa.

"O corpo dele é tão perfeito, tão... aconchegante." Ele baixou os olhos para o livro, ainda na primeira página "Droga, não queria ficar pensando essas coisas. Não dele. Ele é..."

Especial demais. Quase sagrado, já. E Lucius não ousava cometer o que considerava uma profanação sem tamanho. Alexander era seu amigo, seu amigo tão querido. Alguém com quem sempre sonhara. Mesmo determinado a mantê-lo no pedestal, já despertara de madrugada assustado e culpado após sua mente traiçoeira e maliciosa ter lhe passado a perna e sonhado um daqueles sonhos que ele nem mesmo ousava pronunciar o nome. Fora num domingo e ele passara a semana sem poder olhar Alexander nos olhos.

Outro olhar, um sorriso nos lábios. O louro parecia se divertir muito conversando com os meninos, pois seu rosto estava corado de tanto rir. Lucius apenas suspirou.

No final das aulas ele se despediu de Ana e voltou ao seu refúgio favorito que era a biblioteca. Dessa vez se concentrou no roteiro, retocando algumas falas e mudando detalhes na cena a fim de deixar o ritmo da história mais ágil. Pensava no desenho do último quadrinho de uma cena importante quando sua concentração foi quebrada. Alexander entrara na pequena sala, cumprimentando a funcionária com o jeito simpático e alegre que era típico seu.

Viu-o ir a uma prateleira e pescar um livro de capa cor de abóbora, ler a quarta capa e se encaminhar para a mesa de posse do volume. Ao se deparar com Lucius, sorriu.

- Vou ler até a hora de ir para o preparatório - ele disse, ocupando uma cadeira perto da janela, onde havia mais luz natural e esta se refletia nos fios trigueiros dos cabelos ondulados e rebeldes, criando um efeito de auréola - Você sempre vem pra cá depois das aulas, não é? As meninas me falaram. Sabe... Queria ver seus desenhos.

- Ah, mas... - ele corou, as mãos trêmulas não tinham onde se esconder. Abriu a bolsa que mantinha sobre os joelhos - Só não repare, parece coisa feita por menina. É o que Beatrice diz.

Alexander riu e Lucius bebeu o som cristalino de seu riso, deliciado. Apanhou a pasta e olhou todos os desenhos, bem devagar.

- São bonitos, e não vejo problema em que se pareçam com "coisa de menina". Você usa poucas cores - ele voltou o rosto para Lucius, curioso - Minhas primas também desenhavam, mas os delas são bem mais coloridos do que os seus.

Lucius deu de ombros.

- Isso vai do gosto de cada um, ou de suas possibilidades. Aprecio nuances de uma mesma cor, como os infinitos tons de cinza de uma televisão em preto em branco, os tons sépia de uma foto muito antiga... Por isso acabo colorindo assim - explicou, timidamente, as mãos entre os joelhos - Além disso, minha caixa de lápis aquareláveis é velha e já não restam muitas opções.

E riu, brincalhão. Alexander o acompanhou, continuando a olhar os desenhos.

- São realmente bonitos, gosto deles - tornou a dizer, muito sério, a examinar os trabalhos mais detidamente - Já mandou pra alguma revista?

- Sim. Tive alguns publicados. Agora, quero mandar uma história completa. Uma história da Sailor Moon que estou desenhando. Nós chamamos de "doujinshi".

- Puxa, isso é muito legal - Lucius percebeu o entusiasmo na voz do outro e sentiu o coração bater mais forte - Você é um artista.

- Assim eu fico sem graça, não é para tanto. É apenas um passatempo - o rapaz suspirou, um pouco triste - Afinal, não dá para comer fazendo isso aí. A não ser que se seja muito bom. Cedo ou tarde terei de arrumar um emprego chato e... Isso se eu conseguir. Mal sei se consigo ir para o colegial.

Ele dissera aquilo tudo sem pensar e só se deu conta ao perceber a expressão preocupada de Alexander.

- Como assim? Você pode sim entrar na universidade e agregar valor ao seu trabalho - ele disse - E por que acha que não vai conseguir fazer o segundo grau?

- Puxa, acabei preocupando você, hein? Desculpe-me - ele coçou a nuca - É só que... Estou desanimado com os estudos, mesmo. Meu pai estaria muito decepcionado se estivesse vivo.

- As meninas me contaram sobre ele. Ele era professor de literatura, não?

- Sim, e dos bons - Lucius sorriu - Enquanto eu... sou uma decepção na escola. Aliás, nunca gostei de estudar. Só o fazia por obrigação e um certo espírito de competição, também.

- Pois regate o seu espírito de competição. Às vezes a gente tem de fazer coisas de que não gosta. Na verdade, quase sempre - Alexander disse, bem sério - Justamente para poder fazer o que gosta. Isso é a vida.

- Tem razão - concordou o rapaz, refletindo a respeito daquelas palavras - Mas... Você realmente gosta de estudar. Dá para perceber.

- Sim, gosto. É como um passatempo, como ler e nadar - ele contou - Já que sou bom e gosto disso, o melhor é aproveitar.

- Sempre admirei pessoas como você.

- E eu as pessoas que criam, bolam histórias - alisou carinhosamente o livro que apanhara e que permanecia fechado dado a conversa de ambos. Depois envolveu Lucius no mesmo olhar carinhoso - As pessoas como você, Lucius.

- Que isso... - ele sentiu o rosto em chamas e desviou o olhar, uma mecha dos cabelos castanhos cobrindo o rosto vermelho - Eu... Não sou isso tudo, não. Na verdade, sou só o que as pessoas chamam de nerd.

- Ia ser uma perda muito grande se você não entrasse na universidade e ampliasse esses conhecimentos - Alexander continuou, sério - Pensa a respeito disso. E não deixa as pessoas te rotularem.

- Credo, agora você falou igualzinho à professora Marli - murmurou Lucius, bastante envergonhado.

- Então ela está certa - o outro afirmou, sorridente - Tá no meu horário. A gente se vê amanhã, tá legal?

- Bons estudos.

Alexander o tocou calorosamente no ombro, à guisa de despedida, antes de se afastar. Lucius, ao se ver sozinho, apanhou o livro de capa cor de abóbora. Era uma edição nova de 'Momo e o senhor do tempo', de Michael Ende, com a personagem-título caminhando pelas ruas de uma cidade estilizada ao lado da tartaruga. Curioso, Lucius folheou o volume e leu o começo para ver do que se tratava a história. Mas em determinado momento se deteve em observar o rapaz que agora saía pelo portão.

Os dias e as semanas correram depressa e logo chegou o período de férias. Alunos perseguiram professores buscando deixar as notas em dia. Lucius era um deles. A professora Marli, numa manhã de quarta-feira na última semana de aulas, o encarava muito zangada.

- Se você vier com aquela história de que será um outro homem depois das férias, de novo - ela avisou - eu te arremesso este apagador daqui mesmo, 'senhor' Lucius.

A turma riu. O rapaz ficou de pé.

- Então não direi nada, professora - ele falou, rosto baixo e tom bastante cerimonioso - Apenas espere e verá.

Novas gargalhadas. Apenas Alexander, Ana e Beatrice estavam sérios. Lucius tornou a sentar-se. Atrás, o novato o olhava em silêncio, como sempre fazia. Achava curioso o fato de o garoto prender os cabelos com uma fita de cetim, como as figuras masculinas do século dezoito que havia no livro de história da biblioteca. Sem falar nas camisas de colarinho alto e em tons rosados que ele sempre usava por baixo do uniforme. Suas calças nunca eram simplesmente jeans e sim materiais diferentes e com ar de algo usado e antigo, porém sempre de bom caimento. E os cabelos cacheados e castanhos dele desprendiam um perfume doce como se fossem de uma garota.

“Um excêntrico” pensou, lançando um último olhar para aquela fita com laço dado e tudo.

Mas afinal tudo deu certo. Era sexta-feira e o grupo se separava em frente à escola, já que Lucius e Ana moravam para o mesmo lado.

- Vamos marcar um dia para sairmos juntos - sugeriu Beatrice, de braço dado com Alexander.

- Vou viajar com o pessoal da minha igreja - contou o louro - A gente sai amanhã e só volta em duas semanas.

- Então... Muito boa viagem para você - desejou Lucius, estendendo sua mão para ele - Não sabia que frequentava uma igreja.

As meninas riram.

- Sim, sou protestante. E gosto muito dos eventos culturais e excursões que a minha igreja organiza - contou - Agora temos até um piano de cauda.

- Sério? - surpreendeu-se o outro rapaz - Até hoje o único que vi desses foi o da decoração de natal lá do shopping.

Ana e Beatrice tornaram a rir, se entreolhando. Afinal o grupo se separou, Lucius tornou-se silencioso, Ana segurou sua mão.

- Você ficou triste em saber que o Alexander é evangélico? - ela perguntou, num tom carinhoso e íntimo.

Lucius, como sempre, observava a ruiva da farmácia, admirado com o tom de seus cabelos e sua pele branca e pintalgada. A moça percebeu e voltou o rosto para ele com uma expressão tranquila e indagadora que Lucius achou linda. Desviou o rosto e encarou Ana, perguntando:

- O que você disse?

- De olho na garota da farmácia de novo, hein? - ela brincou, risonha - Perguntei se você ficou triste em saber sobre o Alexander.

Corado, Lucius franziu o cenho, confuso:

- Por que essa pergunta? O que é isso, agora?

Ana lhe tomou a mão enquanto continuavam andando. Agora ela estava muito séria.

- Eu já percebi o que está acontecendo, Lucius. Conheço você.

Ele recuou um passo, soltando a mão da amiga como se a mesma tivesse acabado de ameaça-lo com uma faca ou coisa parecida.

- Do que está falando? - perguntou, com um sorrisinho, mas no fundo sabia o quão débeis eram suas tentativas de se esquivar, pois além de sentir o rosto queimando, seu coração batia tão forte que tinha a certeza de que Ana podia ouvi-lo.

Ela abaixou os olhos, tomou-lhe as mãos e lhe sorriu com carinho.

- Eu gostei demais do Alexander - murmurou, tocando o rosto do rapaz - E a Beatrice também. Acredite: nós temos tanto medo e dúvida quanto você, Lucius.

Ele piscou, agora sem entender absolutamente nada. Ana o puxou pelo braço.

- Quer saber, vou pra sua casa, hoje - decidiu-se - Precisamos conversar.

Ele escondeu o rosto, assentindo. A amiga enternecida, sorriu. É claro que ela estaria ao seu lado num momento como esse. Não o amava tanto? Enquanto caminhavam, ela lembrou-se do dia em que se conheceram. Fora há quase dois anos, no início das aulas. Lucius era um menino magrinho e bonito, alto para a idade, cabelos curtos e cheios de cachinhos, a voz tímida e sonora. Fora amor à primeira

vista. Aproximou-se, tornou-se sua melhor amiga e logo se tornaram namorados. E as coisas terminaram como hoje.

- Você gosta de omelete, não gosta? - Lucius perguntou, servindo um prato à amiga - Acho que hoje a mamãe não teve tempo de preparar outra coisa - olhou pela janela e avistou os varais lotados no quintal - Foi dia de lavar roupa. Fiz uma salada, para colorir o prato.

Indicou uma tigela com cenoura ralada, folhas de alface e tomate picado, dispostos de uma maneira decorativa e salpicados de batata palha.

- Ta muito gostoso - ela disse, depois da primeira garfada - E então, voltando ao assunto Alexander...

O corpo de Lucius reagiu ao ouvir o nome do rapaz. Por um momento quis esconder-se, fugir da amiga, pois o assunto o constrangia.

- Sabe - começou, decidindo pela sinceridade - Eu quero ignorar tudo isso, Ana. Não é como no caso do George, onde eu não tinha nada a perder.

Uma pausa. Esforço para conter as lágrimas e prosseguir. Ana o ouvia, serena.

- Fico constrangido o tempo todo na frente dele. Nós... Estamos nos tornando amigos, de verdade - Lucius sorriu como uma criança - Ele me admira tanto quanto eu o admiro. Não suportaria perder sua amizade. Se... Se ele descobrir, se sequer desconfiar do que sinto... Então... Sei que tudo mudará entre nós. Ele se afastará. Com certeza. Eu já sabia disso, mesmo antes de saber da igreja.

Um pouco admirando o modo rebuscado com que o amigo falava, um pouco condoída por suas palavras, Ana puxou sua cadeira para mais perto e o abraçou. Ficaram assim, em silêncio, por muito tempo. Até que ela sussurrou:

- Nós te ajudaremos. Te ajudaremos a manter sua amizade com Alexander - ela deixou um par de lágrimas correr pelo

rosto - E se um dia aquilo acontecer, se nosso maior sonho se tornar real, Beatrice e eu iremos torcer por vocês.

- Ana... - ele a apertou nos braços - Você...

E afastou a amiga, o rosto encharcado de lágrimas.

- ... Gosta mesmo de me fazer chorar, né?

- Um pouquinho, eu acho - brincou a menina, puxando as orelhas do outro.

Um ruído de porta batendo assustou-os um pouco. Quando Lucius voltou o rosto por cima do ombro, teve a desagradável surpresa de encontrar o irmão mais velho ali: um jovem moreno e alto de aspecto sujo, roupa rasgada e uma expressão apalermada no rosto queimado de sol. Ana segurou o braço do amigo.

- Victor, onde esteve? A mamãe estava preocupada...

- Isso é hora e lugar para namorar, seu...? - ele não terminou a frase. O cheiro adocicado e rançoso de bebida alcoólica se espalhou pela cozinha. Agitou as mãos na direção dos adolescentes - Saiam daqui.

Lucius puxou Ana pela mão e os dois seguiram para o pátio de cacos coloridos de azulejo dos fundos, pegado a cozinha, onde havia um fogão a lenha, um tanque e os varais onde a mãe de Lucius estendia a roupa.

- Dessa vez ele ficou fora por mais de uma semana - contou, enquanto andavam entre os coloridos lençóis com cheiro de amaciante - Mamãe já não sabe o que fazer. Não estuda, não trabalha... Não sei como consegue dinheiro para beber...

- Tenho medo do seu irmão - Ana disse, cruzando os braços e assumindo uma expressão apreensiva - A gente nunca sabe o que ele pode fazer, isso sim.

Lucius deu de ombros, como a dizer "ele late, mas não morde."

- Vamos dar uma volta - sugeriu, metendo as mãos no bolso - Tem dinheiro para o sorvete?

- Mas da próxima vez é por sua conta - ela o seguiu, agarrando seu braço.

Debruçados num meio muro, apreciando a brisa fresca e os meninos mais velhos que jogavam futebol lá embaixo, na quadra da pracinha do bairro, os amigos conversavam. O nome Alexander acabou saindo a certa altura.

- Ele tem a boca tão rosadinha, né? - Ana comentou, distraída - Você já imaginou como seria...

- Fica quieta... - ele corou, escondendo um sorriso sem graça. Tomou um pouco do sorvete de morango, sem poder evitar a lembrança dos lábios bem feitos do novato - Que coisa...

- Qual a graça de ter amigo gay se não for para falar dos meninos? - ela deu uma risadinha bem humorada - Já beijou outra pessoa além de mim?

- Sim. A Dali-chan. Tem que ter selinho meu e da mamãe para ela dormir.

- Sua irmã não vale. - Ana o puxou pela camisa cor de uva, as mangas cuidadosamente dobradas na altura dos cotovelos - Ta na cara que ainda não beijou outra pessoa.

- E você, já beijou alguém depois de mim? - ele perguntou, com ar desafiador, olhando nos olhos da garota.

- Não. - a menina sorriu, abaixou os olhos amendoados, Lucius viu sua pele morena tingir-se de vermelho nas bochechas - Você foi o primeiro e único, Lucius.

- Éramos felizes, né? - ele a envolveu pelos ombros, beijou seus cabelos negros e lisos - Até eu estragar tudo.

- Você não estragou nada, bobo. - Ana segurou sua mão - Sou feliz do jeito que estamos agora.

Ele beijou sua mão e foi descartar o copinho de sorvete na lixeira. Ana ficou a observa-lo ir e vir, apreciando seus movimentos felinos. Ajeitou o cabelo que o vento arrepiava enquanto sorria para o amigo.

- Então, o que pensa em fazer nas férias? - ele perguntou - Sua família vai para algum lugar?

- Não. Eu pretendo te ajudar na história da Sailor Moon - ela contou, agora bem humorada e risonha - Então, trate de desenhar logo as páginas.

- Estou tendo problemas com o final - ele levou a mão a testa - Além do mais, já tem outra história que quero fazer. É claro que não vai dar tempo antes de as aulas começarem.

- Por enquanto cuide dessa e anote sua idéia para não se esquecer - ela o tranquilizou, colocando firmemente a mão em seu ombro - Só se preocupe em desenhar. Beatrice e eu vamos cuidar do resto.

Ele voltou seus olhos para a amiga.

- Como?

- Sim. Nossa missão nessas férias será montar o fanzine - Ana o envolveu pelos ombros, contando seus planos - Já tenho uma matéria sobre música e uma crítica prontinhas. Beatrice fará uma matéria sobre lendas indígenas, pegando o gancho no seu trabalho.

- Sério que vocês pensaram em tudo isso? - ele parecia mais que surpreso - E que já têm tudo pronto? Ana, isso é fantástico!

- E adivinhe quem me orientou quanto a termos técnicos na matéria sobre música? - ela estreitou os olhos e sorriu de um jeito maroto.

- O... O Alexander? - Lucius indagou, confuso - Eu não sabia que ele entendia disso.

- Ele pratica violão e estuda teoria musical desde os seis anos de idade - a menina contou, esticando os braços - Ai, que preguicinha... Que horas são?

- Três... - ele consultou o relógio - Droga, ainda falta muito tempo pra ir buscar a Dali-chan e aquele

inconveniente do Victor tá lá em casa. Se bem que, à uma hora dessas, ele deve ter capotado.

- Vamos voltar. Talvez você possa adiantar alguma coisa.

O irmão mais velho havia de fato se fechado no quarto para dormir. Agradecendo em silêncio por isso, Lucius foi ao escritório arranjar as coisas enquanto Ana ajeitava a cozinha. Ela logo retornou.

- Você já pode passar o nanquim nessas - ele falou, entregando algumas páginas - Sabe onde ficam os pincéis, né?

- Sei, sim - ela ocupou uma escrivaninha menor, enquanto Lucius forrava a poltrona de seu pai com uma manta limpa. O local recendia a rosas secas e parafina, porque a lâmpada queimara há dias atrás e na falta de outra, Lucius estudara a luz de velas - Ai, ai... Nosso fanzine vai ficar lindo.

- Já temos um título? - - ele ocupou seu lugar, dispôs o material sobre a mesa - Me desculpe, não sou bom com nomes. Se você e a Beatrice...

- "Uvas Verdes" - murmurou a garota, com uma voz terna.

- O quê?

- O nome para o fanzine. E podemos utilizar uma fonte delicada, bem art-nouveau, com folhinhas de parreira e ...

Ela se voltou para o rapaz e percebeu que os olhos dele brilhavam.

- É... É perfeito! - exclamou, exultante - Já posso ver o fanzine nas revistas, as cartas de pedido chegando e tudo o mais. Vou trabalhar com afinco.

E daí não disse mais nada. Por muito tempo o único ruído foi o da lapiseira de Lucius arranhando o papel. Ana também se concentrou em pintar as páginas, que na sua opinião estavam realmente lindas.

Lucius, por seu lado, pensava em Alexander, nas últimas coisas que descobrira sobre o rapaz. Coisas que sequer imaginara. Primeiro, evangélico, o que ao mesmo tempo fora um balde de água fria em seus sentimentos - ainda que, de qualquer maneira não acalentasse esperanças de ser visto pelo outro de forma diferente - e um fator que o deixara mais fascinado pelo rapaz. Segundo, ele tocava um instrumento, estudava música. Música, sem a qual Lucius não acreditava que pudesse ter criado metade do que criou.

"Por que ele não me contou?" perguntou-se "Eu teria adorado saber disso por ele. Puxa..."

Suspirou longamente, fazendo Ana olha-lo com o canto do olho, discreta.

- Agora eu tenho de ir pegar a Dali-chan - ele avisou, após um demorado bocejo e esticar de braços - Se não tiver outra coisa para fazer, pode vir comigo. Assim toma café conosco.

- Tudo bem - a menina reuniu os pincéis dentro de um pote com água - Vou lavar isso.

- Deixa para depois, eu cuido deles mais tarde - ele os tomou de Ana - Dá uma olhada no que consegui fazer.

Ana apanhou as páginas.

- Você trabalhou bastante - disse, sorridente - Se continuar nesse ritmo, acabaremos a tempo.

- Por que Uvas Verdes, Ana? Quem teve essa idéia?

- Eu. E a Beatrice concordou - ela passou por ele, ar distraído - Por quê? Sei lá... A gente 'tava comendo uva Itália na hora, só isso. E a cor daquela uva é muito bonita.

- Que coisa... - ele riu, coçando a nuca - Às vezes acho que vocês duas são mais doidas do que eu.

Os dois saíram. Lucius com as mãos nos bolsos, chutando pedrinhas. Ana tomou seu braço e foram assim por todo o

caminho. Frequentemente, a garota voltava o rosto na direção daqueles olhos. Tristes, serenos e doces. E da mesma cor que as uvas que ela e Beatrice haviam comprado há dias atrás.

-Mãe, o Lucius não sai mais daquele quarto bolorento - reclamou a pequena Dalila, debruçada na mesa da cozinha.

- Eu vou lá chama-lo - decidiu a mulher, dando razão à filha. Ajeitou o avental que protegia um vestido vermelho florido - Havia até me esquecido de que ele não saiu de lá sequer para comer.

Ela bateu na porta. Aquela mania de ficar o dia trancado no quarto mofado a preocupava. Afinal não era assim que os meninos da idade de Lucius deviam passar seu tempo livre. Sabia que o filho nunca fora popular entre as crianças da vizinhança, jamais sendo chamado para suas brincadeiras na rua, daí jogar futebol com os outros garotos era algo que ela própria não podia imaginar Lucius fazendo. Mas ele poderia estar passeando no shopping, indo ver um filme... Afinal estava de férias e havia ido bem na escola naquele último bimestre.

Na verdade, ele era exatamente como o pai, Romeo. Avesso às diversões comuns, seu marido cochilava quando era obrigado a assistir uma partida de futebol com os cunhados, era péssimo nas peladas e preferia ficar em casa lendo e preparando aulas a ir beber com os amigos.

Lembrar dele assim de repente a deixou triste e procurou afastá-lo imediatamente de seus pensamentos. Voltou ao problema de seu filho trancado no horrível quarto de paredes mofadas.

-Lucius, já passa da hora do almoço. - disse, um tanto irritada - É bom que você venha comer logo. E também brincar um pouco com sua irmã.

- Já vou - respondeu uma voz abafada.

Ele sentara na mesa e comia do prato servido pela mãe enquanto esta lhe falava, já lavando as panelas vazias:

-Você sabe que te apoio em tudo desde que cumpra suas obrigações, filho. Além disso, não pode ficar sem comer até às três da tarde pra desenhar.

- Desculpe-me. Não me dei conta de que era tão tarde. - ele disse - Quero terminar antes das férias acabarem, já que com as aulas terei menos tempo livre.

Dalila catava feijão ali, tão concentrada que nem parecia ouvir a conversa. O rádio estava sintonizado na velha estação AM que tocava as músicas sertanejas e românticas que sua mãe gostava de ouvir.

- Falando em estudos - tornou ela - Você não vai mesmo tentar nada? Nem um desses cursos técnicos integrados? Você consegue, filho.

Ele sorriu, olhou para a mãe.

- Estive pensando nisso, minha mãe - ele contou - É sério. Estou realmente empolgado com a ideia. Mas não prometerei nada.

A mãe estreitou os olhos e a irmã interrompeu o que fazia. Ambas o observavam como se aguardassem alguma coisa.

- Espere e verá! - disse Lucius, apontando o dedo na direção da mãe, cheio de pompa.

Ela voltou-lhe as costas, cruzando os braços, ainda sem conseguir acreditar que seu filho esperasse ser levado a sério quando falava daquela maneira. Lucius percebeu que ela continha o riso e fez uma careta.

- Qual é o problema, agora? - ele perguntou.

- Trate de tomar jeito, senhor Lucius - ela lhe disse, muito séria - Trate de tomar jeito.

Dalila tapara a boca com as duas mãos para não rir também. Zangado, Lucius saiu da cozinha. As duas riram juntas às suas costas.

Após escovar os dentes, ele voltou à cozinha e chamou a irmã para irem bater perna até a praça do bairro. Contente, a irmãzinha agarrou sua mão e os dois saíram sob o olhar da mãe, que ficou os observando da janela.

Enquanto andavam pela rua, ele pensava satisfeito que dali a cinco dias as férias chegariam ao fim. Estava desenhando as últimas páginas. Sentia-se ansioso e cheio de expectativas. Eles teriam um fanzine!

E também... Queria logo voltar para a escola e encontrar Alexander depois de tantos dias. Pensou que teria de se conter para não ceder ao impulso louco de abraçá-lo. Ao chegar à pracinha, sua irmã encontrou uma amiguinha da escola e as duas se afastaram em direção ao parquinho com balanços e escorrega. Ele se sentou preguiçosamente num banco sob uma castanheira e dali ficou a vigiá-las, pernas cruzadas e queixo apoiado na mão, aproveitando a temperatura cálida dos raios de sol. Acordara cedo mesmo nas férias a fim de se concentrar melhor, com a casa silenciosa. Sentia-se cansado e sonolento, mas estava feliz só em imaginar o fanzine, a satisfação das meninas pelo sucesso que haviam alcançado e Alexander lhe dando seus parabéns.

Continua...